



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

JÚLIO AUGUSTO OLIVEIRA QUEIROZ

**“MÉS QUE UN CLUB”: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DO FC BARCELONA
COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CATALÃ DURANTE A
DITADURA DE FRANCISCO FRANCO (1939 - 1975)**

SÃO CRISTÓVÃO

2025

JÚLIO AUGUSTO OLIVEIRA QUEIROZ

“MÉS QUE UN CLUB”: UMA ANÁLISE SÓCIO-HISTÓRICA DO FC BARCELONA
COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE CATALÃ DURANTE A
DITADURA DE FRANCISCO FRANCO (1939 - 1975)

Trabalho de Conclusão de Curso II apresentado ao departamento de Relações Internacionais da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. Geraldo Adriano Godoy de Campos

SÃO CRISTÓVÃO

2025

AGRADECIMENTOS

Assim como o sucesso de um time de futebol, minha trajetória até esse ponto é um grande trabalho em equipe e, para mim, é imprescindível reconhecer que essa conquista só aconteceu em razão de quem me apoiou de diversas maneiras diferentes durante esse tempo.

Primeiramente, gostaria de começar esse agradecimento com a minha família, a base de tudo que me fez ser quem eu sou hoje. Começando com Dona Célia, minha avó, que teve que me aturar durante todo esse período da graduação “debaixo da asa dela” e facilitou enormemente minha vida ao ponto de que eu mereceria tomar uma surra se não me formasse (palavras dela, mas que não deixa de ser verdade), minha tia Sandra (Dada), que precisou muitas vezes me recolocar nos eixos e me guiar pela vida universitária. Eu devo boa parte desse diploma pela insistência dela e do meu tio Matheus em valorizar a educação pública de qualidade na minha vida, minha mãe Aninha e meu padrasto Adonias, que mesmo morando em outra cidade, sempre se fazem presente quando podem, além de me apoiarem em todas as oportunidades, meus tios Gabriela (Dinda) e Tércio e meus primos Maria Flor e Bernardo que mesmo hoje morando em outro estado, mas são parte vital da minha formação. Também quero agradecer, meu pai Cauê, minha madrasta Renata, minha avó de consideração, Cléris, minhas irmãs Carol e Sara, minha avó Nádia e bisavó Zilda, que nos deixou esse ano. Apesar da pouca, mas estável frequência que nos encontramos, eu me sinto em casa com cada um de vocês. Mesmo não cabendo nesse texto todos os nomes, estendo meu agradecimento para toda minha família espalhada pelos estados de Sergipe, Bahia, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Todos vocês fizeram parte do meu crescimento como pessoa de alguma forma.

Minha namorada e melhor amiga, Bianca, você sempre acreditou e acredita em mim muitas vezes mais do que eu mesmo. Obrigado por sempre me lembrar que eu posso continuar contando com você e seu apoio incondicional depois de todos esses anos.

Aos professores do DRI, pelos ensinamentos que sempre ultrapassam a sala de aula, em especial ao meu orientador Geraldo, pela enorme paciência e por me guiar durante todo o processo do TCC quando nem eu sabia o que queria fazer e também ao professor Thiago e Ahmed, que aceitaram participar das bancas de TCC 1 e 2, mesmo que não fossem o seu principal objeto de pesquisa.

Meus colegas e amigos da UFS, que foram de crucial importância para “sobreviver” dentro da universidade durante todos esses anos. Muito obrigado, Helvécio, Lorena, San, Marina, Pablo, Breno, Felipe, Iza, Fred, Robson e tantos outros que fizeram parte dessa jornada universitária ao meu lado em diversos momentos. Agradeço também meus amigos “de fora da

UFS”, com qual convivo, mesmo que muitas vezes virtualmente, quase todo dia. Esses momentos, principalmente durante a pandemia, são parte importante da minha vida e não imagino assistir jogos no Discord, jogar jogos de procedência duvidosa ou apenas conversar com a frequência que faço com outras pessoas. Muito obrigado, Yuri, Maurício, Chapolla, Giulio, Weris, Cleiton, os Léos, os Guilhermes, Vinícius, Vi(c)tor e outros que se eu for citar, vai parecer que estou querendo render o número de páginas do trabalho. Vocês me ajudaram muito nessa graduação por muitas vezes me fazer esquecer dela.

Finalmente, gostaria agradecer meu finado avô, Zé Ribeiro, por me deixar a melhor herança que eu poderia receber: a paixão pelo futebol e principalmente pelo imenso Clube de Regatas do Flamengo, que todos esses anos foi e sempre será uma parte dele que vive em mim. Agradeço por último também as forças que regem esse universo por me permitirem ver o Flamengo campeão brasileiro ao lado dele antes dele nos deixar. Esse trabalho é antes de tudo, uma homenagem para você, vovô.

*A verdadeira beleza do futebol reside na sua
habilidade de unir as pessoas*

Tito Vilanova

RESUMO

Este trabalho analisa o papel do FC Barcelona como símbolo de resistência e identidade catalã durante a ditadura de Francisco Franco (1939–1975). Parte-se do entendimento de que o futebol, para além de sua dimensão esportiva, constitui um fenômeno social e político capaz de expressar pertencimento coletivo, identidades regionais e, em determinados contextos, formas de contestação a regimes autoritários. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada em levantamento bibliográfico, análise histórica e pesquisa em acervos iconográficos. Inicialmente, discute-se o futebol como espaço de construção identitária e de mobilização política, com destaque para sua instrumentalização por diferentes regimes autoritários no século XX. Em seguida, analisa-se o contexto da Catalunha sob o franquismo, marcado pela repressão cultural e linguística, e o papel desempenhado pelo FC Barcelona como um dos poucos espaços de afirmação identitária disponíveis à população local e o legado cultural deixado para o clube manter após esse período.

Palavras-chave: futebol; FC Barcelona; Catalunha; Francisco Franco.

ABSTRACT

This study analyzes the role of FC Barcelona as a symbol of Catalan resistance and identity during Francisco Franco's dictatorship (1939–1975). It departs from the premise that football, beyond its sporting dimension, constitutes a social and political phenomenon capable of expressing collective belonging, regional identities, and, in certain contexts, forms of contestation against authoritarian regimes. The research adopts a qualitative approach, grounded in bibliographic review, historical analysis, and the examination of iconographic sources. Initially, the discussion addresses football as a space for identity construction and political mobilization, highlighting its instrumentalization by different authoritarian regimes throughout the twentieth century. Subsequently, the focus turns to Catalonia under Francoism, a period marked by cultural and linguistic repression, and to the role played by FC Barcelona as one of the few spaces available for the affirmation of regional identity. Finally, the study underscores the cultural legacy left to the club, which has continued to preserve and project these symbolic dimensions beyond the dictatorship.

Keywords: football; FC Barcelona; Catalonia; Francisco Franco.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jesse Owens, dos EUA, recebendo ouro olímpico em salto em distância	17
Figura 2 – Jogadores italianos campeões mundiais em 1934 fazendo saudação fascista	18
Figura 3 – Carlos Alberto Torres compartilhando a taça com o General Médici	19
Figura 4 – Jogadores da Argentina após o título da Copa do Mundo com o General Videla	20
Figura 5 – Jogadores da Frente Nacional de Libertação (FLN) alinhados	21
Figura 6 – Neil Tovey (capitão da seleção da África do Sul) comemorando o título da Copa Africana de Nações ao lado de Nelson Mandela	22
Figura 7 – Camp Nou na década de 50	31
Figura 8 – Luis Suárez Miramontes e Kubala na década de 60 (colorido artificialmente)...	32
Figura 9 – Johan Cruyff com a faixa de capitão nas cores da bandeira da Catalunha.....	34
Figura 10 – Johan Cruyff com a taça da Liga dos Campeões da Europa de 1992	34
Figura 11 – Romário e Cruyff, já como técnico, na década de 90	35
Figura 12 – Torcedor do Barcelona prestando homenagem em celebração à memória de Cruyff em 2016.....	35
Figura 13 – Kubala e Di Stéfano antes do desfecho da transferência do argentino	38
Figura 14 – Alfredo Di Stéfano posando com as 5 taças da Copa dos Campeões	39
Figura 15 – El Clássico disputado na década de 40.....	40
Figura 16 – Barcelona usando uniforme com as cores da Senyera contra o Real Madrid....	42
Figura 17 – Camp Nou com mosaico nas cores da Senyera em jogo contra o Real Madrid	42
Figura 18 – O FC Barcelona coloca uma mensagem de apoio ao resultado das urnas do referendo de 2017	43
Figura 19 – Os jogadores do FC Barcelona durante a foto oficial da partida usando o uniforme de treino com as cores da bandeira catalã em protesto à violência policial durante o referendo de 2017	44
Figura 20 – Manifestação pela independência da Catalunha e liberdade de presos políticos durante El Clássico nas arquibancadas do Camp Nou na temporada 2017/18	44
Figura 21 – Ronaldinho Gaúcho apresentando sua bola de ouro ao Camp Nou em 2005....	45
Figura 22 – O capitão Puyol levantando a taça da Liga dos Campeões de 2006 ao lado de Ronaldinho	46
Figura 23 – Banner de propaganda de turnê de pré-temporada do Barcelona nos EUA com Neymar, Messi e Suárez em 2017	47
Figura 24 – Ansu Fati assinando camisa de fãs em Sidney, Austrália em 2021	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 FUTEBOL COMO FENÔMENO POLÍTICO E SOCIAL: PERTENCIMENTO E IDENTIDADE COLETIVA	11
2.1 Futebol em regimes autoritários: propaganda e opressão	16
3 A CATALUNHA ANTES E DURANTE O FRANQUISMO	26
3.1 O FC Barcelona como uma extensão do nacionalismo e resistência catalã.....	29
3.2 Rivalidade Barcelona x Real Madrid: El Clássico dentro e fora de campo	37
4 O LEGADO POLÍTICO E CULTURAL DO FC BARCELONA PÓS-FRANCO	41
4.1 A globalização do FC Barcelona e projeção internacional da identidade catalã	45
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

Nelson Rodrigues (1993) afirmou que no futebol “o pior cego é aquele que só vê a bola”. O autor carioca acreditava que o futebol não era só sobre o que acontecia nos gramados, mas também em como o futebol era uma parte intrínseca da vida do ser humano e como refletia diretamente na vida das pessoas fora dos estádios. Assim sendo, o futebol, desde o seu nascimento, evoluiu para se tornar uma extensão do indivíduo por meio do seu clube de coração, causando um grande senso de pertencimento e representatividade. E mesmo com a ideia de que o esporte seja uma atividade apolítica e meramente recreativa, a importância sociocultural e a complexidade das várias camadas que o esporte vive fornecem voz para quem o vivencia.

De acordo com um levantamento feito pelo site *Statista*¹, a indústria futebolística possui projeção de gerar aproximadamente 57 bilhões de dólares apenas no ano de 2024, mostrando dessa forma que é de maneira bem dominante o esporte mundial que mais gera dinheiro no planeta, principalmente devido as receitas de transmissão, já que possui altíssima demanda em todo o mundo nas mais diversas competições.

Apesar de não ser o mais popular objeto de estudo nas relações internacionais, o futebol como fenômeno político e social é na verdade um dos mais intrigantes temas de pesquisa devido à complexidade das emoções envolvidas. Diversos casos espalhados pelo mundo evidenciam múltiplas manifestações políticas entre os mais extremos espectros ideológicos, tais como como vaias para a então Presidente Dilma Rousseff na Copa do Mundo de 2014 no Brasil, vaias ao hino espanhol e ao rei espanhol na final da copa que carrega seu nome (em uma partida entre dois clubes de regiões separatistas) e até mesmo saudações e cânticos fascistas em um jogo na Itália.

Diante disso, mesmo sendo possível se manifestar livremente nos tempos atuais dentro de um campo de futebol (obviamente, em casos que não envolvam crimes), não era essa a realidade na Espanha Franquista do século XX. Após assumir o poder com o fim da Guerra Civil Espanhola em 1939, o General Francisco Franco instalou um regime totalitário, com fortes censuras e uma perseguição de regiões com ideais separatistas, especialmente a Catalunha (Vilar, 2005).

Nesse contexto (não use “dentro” se não para se referir a que está no interior), o caso do FC Barcelona é emblemático, pois ele traz à tona um clube que deixou de ser apenas um clube e se tornou uma extensão da nacionalidade catalã dentro e fora de campo. O Camp Nou, seu

¹ Disponível em: <https://www.statista.com/outlook/amo/sports/soccer/worldwide#revenue>. Acesso em: 04 set. 2024.

estádio, se tornou um dos escassos locais que se podia expressar a identidade catalã, mesmo que de forma velada (Ranachan, 2008) e corroborou para o desenvolvimento de um legado que hoje é a máxima do Barça: “Més que un club” (mais que um clube em catalão).

Assim sendo, o objeto de estudo dessa pesquisa sendo o FC Barcelona e como o clube se tornou símbolo de resistência política durante a ditadura de Franco não é só relevante apenas para entender a história da Espanha durante esse período, mas também para se aprofundar na maneira como o futebol pode ser utilizado não só como ferramenta de dominância por partes de regimes autoritários, mas também servir de instrumento para expressão de identidades do que estão sendo oprimidos. Ademais, a análise da realidade da Catalunha e da Espanha durante o regime franquista, o clube, suas ações e reações aos regulamentos e censuras do regime se mostram de enorme importância para compreender também o impacto do esporte nas dinâmicas de poder, formação de identidades regionais e principalmente como ao mesmo tempo em que o mesmo serve de plataforma para uma resistência política, serve também de meio politizador para as mais diversas esferas da sociedade.

Neste trabalho será utilizada uma abordagem qualitativa com base na análise histórica, pesquisa de acervos iconográficos e levantamento bibliográfico para compreender de forma mais profunda o papel do FC Barcelona como símbolo de resistência e identidade catalã durante a ditadura de Franco (1939-1975). O levantamento bibliográfico será uma etapa fundamental para embasar teoricamente a pesquisa. Serão citadas obras de diversos autores, sendo eles historiadores, sociólogos e pesquisadores da área que estudam a história catalã; futebol e relações internacionais; o futebol como meio de expressão cultural e política; e o próprio FC Barcelona. Vale ressaltar, contudo, que por restrição linguística nenhuma bibliografia na língua catalã foi utilizada. A análise histórica será aplicada para compreender o contexto no qual o FC Barcelona se tornou um símbolo da resistência catalã. O enfoque se volta para a interpretação dos eventos históricos que marcaram a repressão cultural da Catalunha sob o regime franquista e a evolução do papel do clube dentro e fora de campo para aguçar essa representatividade catalã que estava sob forte censura no período e o significado de “Més Que un Club”. A análise iconográfica será utilizada para examinar fontes visuais relacionadas ao FC Barcelona durante a ditadura de Franco. Fotos, bandeiras, escudos e quaisquer formas de comunicação visual que sejam pertinentes serão analisados como complemento estético do estudo realizado nas fontes bibliográficas sobre o tema.

2 FUTEBOL COMO FENÔMENO POLÍTICO E SOCIAL: PERTENCIMENTO E IDENTIDADE COLETIVA

O futebol, por se tratar do mais popular esporte do planeta, carrega consigo enorme influência sobre cada um dos apaixonados torcedores espalhados pelo mundo. Dessa forma, o esporte que antes era apenas um passatempo, com seu crescimento em escala global tornou-se um espaço de expressão de identidades locais, envolvendo fortemente cultura e política atrelado à realidade vivida por cada região, incluindo situações que mostrem o futebol como forma de resistência. Assim sendo, Alabarces (2021) argumenta que o futebol pode ser utilizado como um meio de projeção de voz e vontade de uma população oprimida e que o estádio de futebol acaba sendo o ambiente em que uma camada da sociedade que, geralmente, na realidade desigual que vive, não consegue se expressar, utiliza desse espaço para se incluir em debates políticos dos quais são excluídos.

Bourdieu (1978) já alertava para o papel do esporte na formação social do indivíduo, destacando como ele estrutura práticas sociais e reforça sentidos de pertencimento. O futebol, enquanto fenômeno de massa, atua como uma força socializadora, integrando indivíduos em uma comunidade que compartilha histórias, vitórias, derrotas e valores. Assim, o autor reconhece o papel fundamental que o esporte possui na formação da identidade de um indivíduo e como isso influencia no seu papel civil dentro da sociedade e em ações políticas que o guiarão no futuro. Bourdieu caracteriza o esporte como um meio no qual se expressam e se reproduzem estruturas sociais, práticas de distinção e dinâmicas de poder. Dessa forma, torna-se nítido que o futebol, especialmente enquanto prática popular, se mostra como um espaço em que diferentes tradições se manifestam, sejam elas emocionais ou culturais, e se juntam na constituição de uma coletividade (Bourdieu, 1978). O ato de torcer, nesse contexto, não é neutro, mas carregado de muito simbolismo, tradições sociais e de lógicas de pertencimento que variam segundo classe, região, gênero e até ideologia política. Nesse contexto, também vale destacar que o esporte serve tanto para o controle e manutenção social quanto para contestação. Por um lado, clubes podem funcionar como espaços de controle simbólico e alinhamento a estruturas dominantes, principalmente quando instrumentalizados por governos ou elites econômicas. Por outro lado, o futebol pode representar um caminho para a resistência cultural, em que grupos oprimidos expressam identidades próprias e enfrentam o autoritarismo e a desigualdade (Bourdieu, 1978). Isso é particularmente evidente em clubes que historicamente se opuseram a regimes autoritários ou se tornaram símbolo de minorias regionais e étnicas, como o FC Barcelona em relação à Catalunha.

Portanto, é inegável que o futebol atua como um campo fértil para a politização, seja como palco para reclamações da sociedade com os seus governantes, seja como plataforma de afirmação de identidades. A capacidade do esporte de mobilizar massas, criar rituais e provocar emoções o torna um meio poderoso de comunicação política, principalmente em contextos nos quais outras formas de manifestação são limitadas ou reprimidas. Por isso, o futebol é um dos domínios sociais em que mais se evidenciam tensões entre cultura popular e poder institucional (Hargreaves, 1986).

É importante ressaltar ainda que o futebol pode ser interpretado como espaço discursivo as identidades são construídas e transformadas (Hall, 1997). Em tal concepção, a identidade não seria algo fixo ou essencial, mas sim um processo dinâmico de construção, profundamente influenciado pelas relações de poder e pelas representações culturais (Hall, 1997). O futebol, enquanto fenômeno midiático e social, oferece um cenário privilegiado para esse cenário de representatividade. Em tal contexto, as torcidas constroem narrativas sobre si mesmas e sobre seus adversários, operando por meio de polarizações como “nós x eles”, “povo x elite”, “periferia x centro” e, nesse jogo discursivo, elementos como bandeiras, cantos e vestimentas tornam-se objetos identitários que reforçam um pertencimento coletivo e uma inserção política no meio. Clubes como o St. Pauli, na Alemanha, ou o Rayo Vallecano, na Espanha, são exemplos de times que são conhecidos por terem uma identidade política de esquerda antissistema, contrastando com outros clubes, como a Lazio, da Itália, cuja torcida se organiza em torno de valores nacionalistas ou conservadores. Diante desse debate de narrativas, pode-se notar que a cultura é um exemplo claro de um meio de embates ideológicos (Hall, 1997), e que o futebol, longe de estar fora desse campo, é um de seus principais difusores. Dessa maneira, partindo dos pontos defendidos por Stuart Hall (1997), pode-se considerar que o futebol, como artefato cultural, também contribui para a construção de identidades regionais ou subnacionais.

Não obstante, é relevante pensar as relações entre identidades e representações a partir da contemporaneidade, em uma sociedade marcada pela fluidez das relações, pela incerteza e pela fragmentação (Bauman, 2005). Zygmunt Bauman argumenta que na modernidade líquida os sujeitos são confrontados com uma crise contínua de pertencimento, em que as identidades deixam de ser estáveis ou herdadas para se tornarem objetos de escolha e constante negociação, principalmente com as redes sociais virtuais. Nesse contexto, o futebol passa a desempenhar um papel ainda mais crucial no estabelecimento de vínculos simbólicos. Em meio à superficialidade dos vínculos sociais tradicionais como a religião, a política institucional ou até mesmo as formas tradicionais de se relacionar, o ato de torcer por um clube ou uma seleção oferece ao indivíduo uma forma de pertencimento emocionalmente carregada, com mais

consistência na forte articulação de signos compartilhados. O estádio transforma-se em um dos poucos lugares onde a experiência de “ser parte de algo maior” ainda é possível de maneira física, presencial e palpável. Entretanto, essa busca por pertencimento num mundo que se mostra inconstante pode ter tanto efeitos agregadores quanto excludentes. Por um lado, o futebol é capaz de criar laços, memórias e afetos compartilhados, principalmente dentro do estádio, que por um momento, todos os “estranhos” fazem parte da mesma família, mas por outro lado, pode reforçar fronteiras simbólicas rígidas e intensificar polarizações, inclusive políticas, como é o caso dos dois maiores clubes da Escócia, o Rangers, associado à comunidade protestante e o Celtics, associado à comunidade católica. A identidade futebolística, nesse sentido, atua como um porto seguro, mas também como um muro, onde a reafirmação do “nós” se constrói muitas vezes pela negação do “outro”, vide as grandes rivalidades que se negam a enxergar humanidade em seu adversário.

Diante disso, pode-se considerar que partindo dessa lógica de Bauman (2005), torna-se possível entender porque o futebol moderno, mesmo que intensamente mercantilizado, globalizado e especialmente midiático, continua sendo um espaço de forte ligação identitária. Assim sendo, Zygmunt Bauman (2005), ao discutir a fluidez das identidades na modernidade líquida, nos ajuda a entender porque o futebol se torna uma espécie de pilar para muitas pessoas que buscam uma identidade mais estável. Além disso, é importante ressaltar os desafios do processo de construção identitária em um mundo marcado pela instantaneidade das ações e reações. Com as redes sociais e a internet bombardeando informações na sua mente sem parar, o clube de futebol ou seleção nacional representa uma linha reta estável de afetividade. É nesse ponto que o futebol se consolida como uma das últimas “instituições emocionais” estáveis (Anderson, 1983), especialmente em contextos de crise política ou cultural. Assim como as nações são “comunidades imaginadas”, baseadas no compartilhamento de símbolos e narrativas (Anderson, 1983), o futebol como espaço narrativo contribui fortemente para a construção identitária do indivíduo, ao estabelecer fronteiras simbólicas entre “nós” e “eles”, entre o clube e o rival, entre a região e o Estado, entre identidade local e identidade nacional. As seleções nacionais de futebol, por exemplo, operam como meios de reforço do vínculo de pertencimento nacional. Quando entram em campo, não representam apenas jogadores ou clubes, mas uma nação imaginada, com sua história, sua cultura e seu orgulho projetados simbolicamente sobre o gramado (o que explica em parte a importância que pessoas menos interessadas no cotidiano do futebol atribuem à Copa do Mundo). O futebol, nesse sentido, atua como uma plataforma de diversas tradições juntas em que se reforçam os traços culturais que sustentam o imaginário nacional. A reprodução da bandeira, do hino e das cores nacionais nas arquibancadas (e nas

telas de televisão) fortalece a sensação de comunidade e pertencimento. Mas esse pertencimento é, na maioria das vezes, politizado de maneiras em que se pode explicar porque o futebol também pode ser espaço de disputas sobre a própria definição do que é a “nação”. Quando minorias são excluídas, quando símbolos nacionais como uniformes ou até escudos são apropriados por discursos autoritários e grupos extremistas, ou quando torcedores contestam os próprios jogadores ou dirigentes por representarem “valores alheios à pátria”, temos exemplos nítidos do futebol como ambiente de disputa ideológica e cultural. Assim sendo, torna-se evidente que o futebol tem um importante papel formador, principalmente nas culturas com grande pluralidade. Em países que foram colonizados, por exemplo, o futebol passou a ser utilizado como ferramenta importante para as nações recém independentes demonstrarem essa força diante dos seus antigos colonizadores (Darby, 2002). Todos esses contextos servem para evidenciar que o futebol, assim como outros esportes de massa, não pode e nem deve ser dissociado do contexto sociopolítico em que está inserido.

O presente trabalho se apoia em uma interlocução pluridisciplinar em que são consideradas a história, sociologia e a ciência política. Vale ressaltar que apesar de não ser o principal objeto de estudo, as teorias das RI servem como importante lente para entender o futebol e suas nuances no contexto sociopolítico. Assim sendo, observando pelas teorias das Relações Internacionais, o construtivismo fornece uma visão privilegiada para compreender o papel do futebol na construção de identidades coletivas. Partindo do pressuposto que a estrutura do sistema internacional não é dada apenas por fatores materiais, como poder militar ou econômico, mas principalmente por fatores mais subjetivos como tradições, relações e identidades e que os significados sociais são construídos nas interações entre os indivíduos (Wendt, 1999), é possível argumentar que clubes, seleções e torcedores não possuem identidades fixas, mas que se tratam de identidades moldadas historicamente por práticas discursivas, interações sociais e disputas simbólicas nas quais estão inseridos. Dessa forma, assim como os Estados constroem suas identidades nas relações internacionais com outros Estados, os clubes e suas torcidas constroem as suas próprias identidades em relação a rivais, adversários políticos, federações, ou até mesmo regimes opressivos. O estádio funciona, assim, como uma “arena” na qual as identidades são constantemente formadas, desafiadas e reconstruídas. Cantos, bandeiras, faixas e murais não são apenas expressões folclóricas, mas atos simbólicos carregados de significado político e social, já que, nesse sentido, torcer é também um ato de afirmação identitária. A seleção croata, por exemplo, tornou-se um símbolo poderoso de unidade nacional durante e após a guerra de independência nos anos 1990, sendo instrumentalizada como veículo de coesão nacional em um cenário de fragmentação étnica

(Hughson; Inglis; Free, 2016). O mesmo pode ser dito da seleção do Irã durante a Copa do Mundo de 2022, no Catar, na qual os jogadores iranianos se recusaram a cantar o hino nacional como forma de protesto contra o regime autoritário do país em um ato simbólico que colocou em pauta, mesmo que temporariamente, a imagem da seleção dentro e fora do país, alterando a percepção de sua identidade. Nesse sentido, partindo do pensamento construtivista de Wendt (1999), pode-se compreender que a identidade futebolística não é algo estático, mas uma construção dinâmica, moldada pela interação entre atores, contextos históricos e narrativas sociais. O futebol, longe de ser apenas um reflexo passivo da cultura, é um dos campos em que essas identidades são ativamente produzidas e negociadas.

Na Catalunha, essa função identitária do futebol se intensificou durante o regime franquista, quando a repressão cultural e linguística contribuiu para que o FC Barcelona se tornasse um dos principais espaços de reafirmação da identidade catalã. O clube deixou de ser apenas uma associação esportiva e passou a representar, para muitos, um território simbólico de resistência e pertencimento (Ranachan, 2008). Dessa forma, a identidade coletiva no futebol transcende a dimensão esportiva e atinge o campo político e emocional. Ao torcer por um clube, os sujeitos se inserem em um sistema simbólico que os conecta a um grupo maior e fornece sentido às suas trajetórias individuais e coletivas. No caso catalão, esse vínculo assume contornos ainda mais profundos, pois se entrelaça com uma história de opressão cultural, regionalismo e resistência frente ao regime opressor de Franco.

Apesar de frequentemente rotulado como apolítico ou meramente recreativo, o futebol historicamente tem se consolidado como um espaço privilegiado de expressão política tanto por parte dos Estados quanto das populações. Essa politização se dá não apenas nas arquibancadas e nos símbolos exibidos pelos torcedores, mas também nas próprias estruturas dos clubes, nos discursos da mídia, nas políticas governamentais e até nas escolhas de jogadores e dirigentes. A natureza pública e coletiva do futebol torna-o propício à comunicação política. Em contextos de liberdade democrática, os estádios funcionam como arenas simbólicas onde causas sociais, pautas identitárias e resistências ganham visibilidade, seja em cartazes na arquibancada, campanhas em uniforme de clubes ou até mesmo placas publicitárias no estádio. Já em regimes autoritários ou sob censura, o futebol frequentemente se torna uma das poucas formas de manifestação disfarçada. O futebol oferece uma linguagem universal que pode ser utilizada para criticar, apoiar ou resistir a estruturas de poder vigentes e essa multiplicidade de camadas políticas que o futebol possui funciona como instrumento de controle e veículo de contestação, como se observa em diversos contextos históricos (Hargreaves, 1986). Durante o regime militar brasileiro, por exemplo, a seleção campeã da Copa de 1970 foi usada como símbolo da

“grandeza nacional” para mascarar a repressão política e legitimar o autoritarismo (Lever, 1983). Da mesma forma, a ditadura argentina utilizou a Copa de 1978 como plataforma internacional de propaganda, enquanto desaparecidos políticos eram mantidos a poucos quilômetros dos estádios (Alabarces, 2021). Em ambos os casos, o futebol foi instrumentalizado pelos governos, mas também gerou reações críticas e simbólicas por parte da sociedade. Além disso, o futebol fornece rituais coletivos que reforçam laços sociais. Cânticos, uniformes, bandeiras, estádios e até mesmo ídolos funcionam como elementos de coesão e diferenciação. Dessa forma, práticas como o futebol podem se tornar “tradições inventadas”, ou seja, instrumentos eficazes na construção de identidades nacionais ou regionais, ainda que sejam recentes em sua origem (Hobsbawm, 1990).

No continente africano pós-colonial, existiu um processo de descolonização utilizando o futebol como representatividade e orgulho nacional por meio das suas seleções nacionais, que pôde ser visto na Copa do Mundo de 1990 e 2002 com Camarões e Senegal (Darby, 2002). O mesmo processo pode ser observado na Catalunha, onde o futebol catalão, e principalmente o FC Barcelona, foi utilizado como ferramenta para manter viva a memória cultural durante o regime franquista e, posteriormente, para reforçar uma identidade distinta da espanhola. (Burns, 2011).

2.1 Futebol em regimes autoritários: propaganda e opressão

Ao longo da história, diversos regimes autoritários perceberam no futebol não apenas um espetáculo de massas, mas uma poderosa ferramenta de dominação. A capacidade de mobilização emocional, o alcance social e o apelo nacionalista do esporte o tornaram um espaço estratégico para a propaganda estatal, a legitimação de governos e, em muitos casos, a distração deliberada das populações frente à repressão e à violência institucional. Essa instrumentalização do futebol, popularmente conhecida como “pão e circo”, é uma fórmula política que consiste em fornecer entretenimento ao povo para reduzir sua capacidade crítica em relação ao que de fato está acontecendo e subordinar seu engajamento político. Diversos casos históricos ilustram como o futebol foi apropriado por ditaduras como mecanismo de manipulação simbólica. É importante mencionar que o período da ditadura de Franco não será citado neste capítulo, pois será objeto de um capítulo à parte.

Um dos mais conhecidos casos foi o dos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, promovidos por Adolf Hitler. O evento foi planejado para exaltar a Alemanha nazista, projetar uma imagem de superioridade da “raça ariana” e fortalecer o nacionalismo alemão contra outras

nações nas modalidades olímpicas (Guttmann, 1992). Apesar das contradições que cercaram o plano de Hitler durante os jogos, como as vitórias de atletas negros dos Estados Unidos, principalmente Jesse Owens, que conquistou 4 ouros, o regime nazista conseguiu utilizar o evento como uma vitrine do seu poder.

Figura 1 – Jesse Owens, dos EUA, recebendo ouro olímpico em salto em distância



Fonte: Britannica (2025)².

Durante o regime fascista italiano de Benito Mussolini (1922–1943), o futebol foi sistematicamente instrumentalizado como uma ferramenta de propaganda política, visando a construção de uma identidade nacional forte, unificada e que promovesse o nacionalismo e o controle social da população (De Grand, 2001). O regime reconheceu o enorme potencial do futebol para mobilizar as massas e para divulgar ideais fascistas, utilizando-o como meio para fortalecer o sentimento de pertencimento ao Estado totalitário (Foot, 2006). Assim sendo, o futebol italiano foi utilizado pelo regime para projetar uma imagem de força, disciplina e superioridade nacional, valores centrais na ideologia fascista de Mussolini. As vitórias da seleção italiana nas Copas do Mundo de 1934 (em solo italiano) e 1938 foi celebrada como símbolo da grandeza do regime, e Mussolini fez uso político desses sucessos para legitimar seu governo tanto no cenário interno quanto internacional (Foot, 2006). Nesse contexto, o regime promoveu festivais esportivos, construiu estádios monumentais e utilizou a imprensa para divulgar a ligação entre o futebol e a “renovação” da Itália sob o comando de Mussolini. Além

² Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Berlin-1936-Olympic-Games>. Acesso em: 30 jul. 2025.

da propaganda, o futebol também foi empregado como um mecanismo de controle social, visto que o regime organizou ligas e competições com forte interferência política, impondo disciplina e normas que reforçavam a hierarquia e a ordem social fascista (Foot, 2006). A juventude fascista era incentivada de maneira disfarçada a participar de atividades esportivas para na verdade serem “moldados” como cidadãos obedientes e fisicamente aptos ao serviço militar e ao Estado (De Grand, 2001). No entanto, o futebol também funcionou como um espaço de conexão social popular que tentava fugir, em certa medida, do controle total do regime, permitindo formas de expressão local e comunitária (Foot, 2006). Diante disso, evidenciou-se que apesar da forte propaganda, o futebol manteve seu apelo popular amplo e complexo, não se limitando aos discursos oficiais, já que as torcidas e as rivalidades regionais muitas vezes criavam identidades alternativas às promovidas pelo regime fascista (Foot, 2006).

Figura 2 – Jogadores italianos campeões mundiais em 1934 fazendo saudação fascista



Fonte: Imortais do Futebol (2025a)³.

Já no Brasil da ditadura militar (1964–1985), a seleção tricampeã da Copa do Mundo de 1970 foi amplamente utilizada para a construção de uma imagem positiva do regime. Através de campanhas publicitárias e da censura da imprensa, o governo vinculou o sucesso esportivo da seleção a uma suposta eficiência do modelo autoritário, omitindo a repressão, a tortura e a perseguição política que se intensificavam nos porões do Estado (Lever, 1983). O futebol

³ Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/selecoes-imortais-italia-1934-1938/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

servia, nesse contexto, para alimentar o sentimento nacionalista, canalizar emoções coletivas e desviar o foco dos problemas sociais vividos principalmente por quem se opunha ao regime.

Figura 3 – Carlos Alberto Torres compartilhando a taça com o General Médici



Fonte: El País (2020)⁴.

Na Argentina da ditadura do General Jorge Videla (1976–1983), o caso foi ainda mais explícito. A Copa do Mundo de 1978, sediada em Buenos Aires, foi cuidadosamente manipulada para reforçar a imagem do regime militar diante da comunidade internacional (Alabarces, 2021). As partidas foram exibidas como demonstrações de ordem e civilidade, enquanto opositores ao regime eram presos, torturados ou mortos em centros clandestinos de detenção ao mesmo tempo em que os jogos aconteciam. A vitória da seleção argentina, sua primeira na história das copas do mundo, foi transformada em símbolo da nação e do sucesso do regime, mesmo em meio a graves violações dos direitos humanos, repressão cultural e perseguição a opositores (Alabarces, 2021). Assim sendo, o futebol nessa Copa funcionou como uma grande vitrine do regime e a vitória albiceleste foi capitalizada como tal.

⁴ Disponível em: <https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 4 – Jogadores da Argentina após o título da Copa do Mundo com o General Videla



Fonte: El País (2024)⁵

Nos chamados países “pós-coloniais” ou em contextos de dominação regional, o futebol também foi usado como plataforma de reconstrução simbólica, já que as seleções africanas passaram a ser vistas como representantes de projetos nacionais, utilizando o campo para confrontar as imagens negativas herdadas do colonialismo (Darby, 2002). Na Argélia, por exemplo, o time da FLN (Frente de Libertação Nacional), criado antes da independência em 1962, viajou o mundo promovendo a causa anticolonialista por meio do futebol (Darby, 2002). Essa atuação da equipe da FLN não se restringiu apenas ao simbolismo esportivo, mas configurou uma estratégia política sofisticada de mobilização internacional, colocando em evidência a luta pela autodeterminação do povo argelino. A atitude sem precedentes desses jogadores, que abandonaram carreiras profissionais, muitos em clubes franceses, para vestir a camisa da FLN, subverteu a lógica colonial que via o futebol apenas como entretenimento ou instrumento de dominação cultural. Assim, o futebol tornou-se um espaço de contestação e identidade, onde a visibilidade internacional funcionava como recurso para pressionar o regime colonial francês (Saldanha; Carvalho, 2022). Além disso, esse uso político do futebol na Argélia reflete um fenômeno mais amplo no continente africano pós-independência, onde seleções nacionais passaram a ser símbolos de afirmação e coesão interna, especialmente em sociedades marcadas por diversidade étnica e tensões políticas (Saldanha; Carvalho, 2022). Por exemplo, a seleção de Camarões na Copa do Mundo de 1990 emergiu como um ícone de orgulho e

⁵Disponível em: <https://www.elpais.com.uy/mundo/argentina/documental-argentina-78-genero-un-fuerte-cruce-entre-vice-del-pais-y-cristina-kirchner-deberia-esta-presencia>. Acesso em: 30 jul. 2025.

unidade nacional, desafiando a marginalização internacional e promovendo uma narrativa de modernidade e sucesso (Darby, 2002). Esse processo contribuiu para a consolidação do futebol como uma ferramenta eficaz na construção das identidades nacionais pós-coloniais, confrontando diretamente os legados e estereótipos produzidos sobre as nações africanas. Portanto, o futebol nesses contextos atua não apenas como meio de lazer e divertimento, mas como um poderoso agente político e cultural, articulando memórias, resistências e ambições nacionais. A projeção internacional das seleções africanas e seus sucessos esportivos reforçam discursos de soberania e autonomia, principalmente quando esses resultados ocorrem em partidas contra seleções de países que participaram ativamente da colonização e imperialismo no continente africano.

Figura 5 – Jogadores da Frente Nacional de Libertação (FLN) alinhados



Fonte: Imortais do Futebol (2025b)⁶.

⁶ Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/fln-os-soldados-de-chuteiras/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 6 – Neil Tovey (capitão da seleção da África do Sul) comemorando o título da Copa Africana de Nações ao lado de Nelson Mandela



Fonte: Stein (2018)⁷.

Esse uso ambíguo do futebol em contextos autoritários também se manifestou de forma bem emblemática no apartheid sul-africano, onde o “futebol negro” foi marginalizado e oprimido durante décadas, enquanto o rugby era promovido como o verdadeiro símbolo nacional do regime (Alegi, 2010). No entanto, os clubes de futebol nos *townships* (subúrbios subdesenvolvidos) tornaram-se espaços de resistência cotidiana contra o regime, formando uma espécie de comunidade informal de solidariedade, contestação e construção identitária (Alegi, 2010). Embora o Estado tentasse, de forma muitas vezes violenta, reduzir a visibilidade e a própria prática do esporte para reforçar a supremacia branca, as partidas disputadas por comunidades negras mobilizavam uma tradição que aos poucos construía um pertencimento que escapava do controle do poder central, ou seja, os campos de futebol, mesmo sob vigilância, funcionavam como um espaço público de forte significância cultural (Alegi, 2010). Após o fim do apartheid, houve uma reintegração da seleção sul-africana no cenário internacional, com destaque para a Copa Africana de Nações de 1996, que foi disputada em território sul-africano e teve o time da casa se sagrando como grande campeão, o que ajudou bastante na narrativa de reconciliação e unidade, evidenciando como o futebol também pode ser ressignificado politicamente em contextos de transição. Diante disso, insistimos na hipótese de que o futebol,

⁷Disponível em: <https://trivela.com.br/africa/nos-100-anos-de-mandela-como-o-futebol-tambem-foi-importante-em-seu-projeto-de-uniao/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

ao mesmo tempo que pode ser ferramenta de opressão, também é um instrumento simbólico de resistência e contestação, e mesmo muitas vezes capturado por lógicas nacionalistas e autoritárias, permanece como um dos poucos espaços onde a cultura popular pode pressionar as narrativas impostas, mesmo que de forma velada.

Partindo de uma perspectiva da teoria crítica e da abordagem pós-colonial, é possível interpretar essas práticas e estratégias de apagamento e dominação cultural como uma clara tentativa de transformar uma cultura já existente em algo moldado ao interesse de quem pratica essas ações autoritárias (Said, 1978). Em regimes autoritários, o futebol opera muitas vezes como um mecanismo ideológico de Estado, isto é, um instrumento que constrói os próprios consensos e fortalece a hegemonia dominante. Ao mesmo tempo, esse mesmo espaço pode ser reapropriado pelas populações como um espaço de resistência simbólica, como se vê no caso do FC Barcelona e em tantos outros ao redor do mundo.

O uso do futebol como instrumento de propaganda e opressão por regimes autoritários não é uma mera coincidência histórica, mas uma demonstração do seu enorme potencial de engajamento emocional e simbólico das massas. De tal modo, em contextos de repressão política, censura e limitação das liberdades civis, o futebol assume um *papel ambíguo*: por um lado, torna-se um veículo privilegiado da narrativa oficial, promovendo a imagem do regime; por outro, pode ser uma arena de resistência disfarçada, onde a cultura popular encontra maneiras indiretas de se manifestar (Hughson; Inglis; Free, 2016). A razão pela qual o futebol é tão atrativo para esses regimes está na sua capacidade de mobilização emocional poderosa: alcança ricos e pobres, trabalhadores e elites, pessoas de diferentes classes sociais, e o faz sem qualquer tipo de interferência dos governantes, mas sim pela paixão natural que move nas pessoas. Nesse sentido, o futebol é visto como uma forma eficaz de controle social via entretenimento como uma "sociedade do espetáculo" (Debord, 1997), onde o que importa não é a realidade material, mas a forma como ela é encenada. Um regime opressor poderia se aproveitar dessa realidade para utilizar em seu favor o sentimento gerado pela espetacularização do futebol. A experiência coletiva no estádio, com cantos, bandeiras e mais símbolos, cria um ambiente de fácil conexão com o indivíduo, que pode ser estrategicamente moldado para transmitir mensagens alinhadas a um regime autoritário, já que o "espetáculo esportivo" não apenas entretém, mas também ocupa o espaço da vida social, desviando a atenção de problemas estruturais e abafando possíveis críticas. A emoção provocada por um gol ou uma vitória pode ser manipulada para alimentar um sentimento de orgulho regional ou nacional artificialmente criado, enquanto a propaganda estatal associa o sucesso esportivo ao sucesso do próprio governo, como já mencionado anteriormente nos casos da Itália fascista de Mussolini durante

as copas de 1934 e 1938, na Argentina de Videla durante a Copa do Mundo de 1978, no Brasil da ditadura militar durante a copa de 1970 e como será mais aprofundado posteriormente na Espanha sob Francisco Franco, onde o futebol foi empregado como palco de afirmação do nacionalismo e de controle cultural.

Entretanto, essa relação entre autoritarismo e futebol não se limita a regimes do século XX. No século XXI, novas formas de autoritarismo estatal continuam instrumentalizando o futebol como estratégia de influência. Um exemplo atual é o da Rússia de Vladimir Putin, que mobilizou o futebol em estratégias de legitimação política. A Copa do Mundo de 2018, por exemplo, foi amplamente utilizada pelo Kremlin para reforçar a imagem da Rússia como potência estável e moderna, enquanto, simultaneamente, reprimia a oposição interna e restringia liberdades civis. A propaganda em torno do evento esportivo buscava ofuscar essas tensões e exibir uma fachada de “normalidade”. Projeção internacional também é uma das consequências dos recursos mobilizados pelos estados do Golfo, como o Catar, com a copa de 2022, Arábia Saudita, com investimentos bilionários em sua liga nacional e Emirados Árabes Unidos, investindo em uma rede de clubes transnacionais como parte de projetos de branding nacional e diplomacia pública (Dorsey, 2016). Nesse contexto, o futebol é utilizado como forma de “sportswashing”, um mecanismo de melhoria da imagem externa de regimes autoritários por meio da associação com valores universais como fair play, integração, modernidade e cooperação internacional nesses eventos e com a afeição que o torcedor já tem pelos craques que vão jogar nesses locais (Dorsey, 2016).

Desde manifestações nacionalistas em estádios até discursos oficiais que tentam associar seleções ou clubes a governos específicos, o futebol continua sendo um espaço onde se disputam significados sobre identidade, pertencimento e poder. Isso mostra que a manipulação do futebol não é exclusiva de ditaduras formais, mas pode se manifestar em democracias fragilizadas ou em contextos de populismo autoritário. Essa complexa relação entre futebol, propaganda e opressão nos leva à constatação de que o esporte, longe de ser neutro, é um território de disputa simbólica (Hughson; Inglis; Free, 2016) e a hegemonia cultural se constrói pela ocupação dos espaços simbólicos que estão presentes no cotidiano (Gramsci, 1971). Portanto, compreender o futebol como um instrumento político de regimes autoritários é compreender não apenas a história do esporte, mas a própria lógica do poder e da dominação simbólica na sociedade contemporânea. O futebol é, com tudo isso, um objeto político por natureza, já que claramente seu impacto ultrapassa as quatro linhas do campo e se estende profundamente sobre o imaginário social. Sendo o esporte mais popular do planeta, com torcedores e praticantes espalhados por todo o mundo, seu alcance, engajamento e

influência acompanham essas métricas, sendo assim uma maneira clara de se tornar um meio também de transformação política em alguns casos, mas principalmente um objeto de pertencimento social para muitos.

3 A CATALUNHA ANTES E DURANTE O FRANQUISMO

“A Catalunha sempre foi, historicamente, uma região de contrastes, com uma identidade cultural própria que se manifestava em sua língua, tradições e estrutura econômica” (Vilar, 2005). Essas características singulares moldaram a região ao longo de séculos, dando características que a distinguiam do restante da Espanha e desenvolvendo uma consciência coletiva de identidade. Diante disso, a Catalunha se consolidou historicamente como território economicamente dinâmico, com uma forte base industrial e comercial, ao mesmo tempo em que preservava tradições políticas, sociais e culturais próprias, fazendo com que essa combinação de autonomia econômica e cultural contribuíssem para a construção de um nacionalismo catalão robusto, no qual a língua, a educação e as instituições regionais assumissem papel central (Vilar, 2005).

No início do século XX, a Catalunha vivenciou um período de intensa afirmação política e cultural. Esse processo tinha raízes no movimento da **Renaixença**, iniciado no século XIX, que buscava revitalizar a língua e a cultura catalãs, transformando-as em símbolos de identidade e resistência frente ao centralismo do Estado espanhol (Tusell, 1999). A industrialização precoce da região, especialmente em Barcelona, também fortaleceu a burguesia catalã, que passou a reivindicar maior autonomia administrativa para proteger seus interesses econômicos e reforçar seu papel político. Movimentos nacionalistas se multiplicaram nesse contexto, acompanhados pela fundação e desenvolvimento de partidos políticos voltados à defesa da autonomia regional, sindicatos independentes, associações culturais e jornais locais que difundiam ideias catalanistas (Tusell, 1999). A criação da *Mancomunitat de Catalunya* (Comunidade da Catalunha), em 1914, representou um marco institucional significativo desse processo. Embora suas competências fossem limitadas pelo controle central, a *Mancomunitat* buscou coordenar políticas públicas regionais em áreas como educação, transporte, cultura e infraestrutura (Vilar, 2005). Sob a liderança de Enric Prat de la Riba e, posteriormente, Josep Puig i Cadafalch, foram promovidas reformas modernizadoras, que difundiram a língua catalã em instituições educacionais e fortaleceu o papel da cultura na construção de uma consciência coletiva (Tusell, 1999). Posteriormente, durante a Segunda República Espanhola (1931–1939), a Catalunha atravessou um dos períodos mais relevantes de autonomia política da sua história contemporânea. A restituição da *Generalitat de Catalunya* (Generalidade da Catalunha) devolveu legitimidade às instituições regionais, e o Estatuto de Autonomia da Catalunha (1932) concedeu competências legislativas e administrativas à região (Vilar, 2005). Nesse período, foram implementadas políticas de promoção da língua e da cultura catalãs, ampliando sua

presença no sistema educacional e nos meios de comunicação, o que fortaleceu uma identidade regional que se tornava cada vez mais simbólica na vida política e social da Espanha (Tusell, 1999). Essa autonomia, contudo, foi constantemente alvo de disputas com o governo central e se viu profundamente fragilizada com a eclosão da Guerra Civil. Diante disso, a Guerra Civil Espanhola (1936–1939) representou um ponto de mudança dramático na história catalã. A região foi um dos pilares republicanos mais importantes, e Barcelona chegou a ser capital temporária da República. A derrota na guerra, contudo, trouxe consequências devastadoras. A vitória do general Francisco Franco e a instalação de regime militar autoritário inauguraram um período de repressão intensa contra as identidades regionais (Tusell, 1999). Assim sendo, a política do franquismo visava homogeneizar a Espanha cultural, política e socialmente, promovendo a imposição de uma narrativa de unidade nacional que negava qualquer reconhecimento às autonomias regionais. Na Catalunha, isso se traduziu na proibição do uso público da língua catalã, na censura de jornais e obras literárias, na supressão de instituições culturais e na dissolução da *Generalitat* (Heine, 1992). O impacto dessa repressão se refletiu diretamente na vida cotidiana da população catalã, gerando um ambiente de vigilância constante e de restrição cultural. Escolas e universidades foram obrigadas a ensinar exclusivamente em castelhano, associações culturais foram monitoradas ou fechadas, e símbolos históricos da Catalunha foram banidos dos espaços públicos. Essa política de apagamento cultural buscava não apenas controlar, mas também reescrever a memória histórica da região, reduzindo manifestações catalãs a elementos folclóricos despolitizados e tolerados apenas quando não representavam, de maneira que o regime interpretava, ameaça à narrativa de unidade nacional (Heine, 1992; Vilar, 2005).

Em 1939, após a vitória franquista na Guerra Civil espanhola, foi inaugurada uma etapa de repressão sem precedentes no país, principalmente na Catalunha, marcada por aquilo que diversos autores qualificam como uma tentativa sistemática de aniquilação da identidade regional (Tusell, 1999; Heine, 1992). O regime instaurado por Francisco Franco foi construído sob os pilares do catolicismo e de uma concepção centralizadora do Estado, que buscava não apenas neutralizar, mas também eliminar qualquer manifestação que pudesse colocar em xeque a narrativa que se tornou o slogan do regime: “*Espanha una, grande y libre*”, que buscava trazer esse ideal de unificação do Estado em uma cultura mais singular (Tusell, 1999). Nesse contexto, a Catalunha tornou-se alvo prioritário de políticas repressivas, justamente por sua tradição de autonomia política, autonomia econômica e sua riqueza cultural singular. Dessa forma, a repressão assumiu caráter absoluto e sistemático, atingindo diversos aspectos da vida cotidiana, como por exemplo, no plano linguístico, o catalão foi proibido em espaços públicos,

na administração, na justiça e no ensino, sobrando apenas para ser praticado na esfera privada e doméstica. Escolas e universidades foram obrigadas a adotar exclusivamente o castelhano como idioma oficial, em uma tentativa de romper totalmente com a cultura catalã (Vilar, 2005). Obras literárias em catalão foram censuradas ou banidas, e até mesmo lápides em cemitérios eram monitorados para garantir a imposição da língua. A repressão ia além do campo linguístico: símbolos históricos, como a bandeira e o hino catalães, foram proibidos, e celebrações tradicionais foram toleradas apenas se houvesse a interpretação por parte do regime que não existia qualquer conotação política, transformando em manifestações controladas pelo regime (Tusell, 1999; Vilar, 2005). Nesse contexto, vale também ressaltar que a repressão também se estendia ao campo político. A *Generalitat de Catalunya* foi dissolvida, e suas principais lideranças sofreram o exílio, a prisão ou a execução, como no caso de Lluís Companys (que dá nome ao atual Estádio Olímpico de Barcelona), presidente da Generalitat, que foi capturado e fuzilado em 1940 (Heine, 1992; Vilar, 2005). Partidos, sindicatos e associações culturais foram extintos, enquanto a censura se tornava onipresente, controlando jornais, revistas, peças de teatro e qualquer produção intelectual que pudesse remeter a um imaginário de autonomia ou resistência (Heine, 1992; Vilar, 2005). Dessa forma, o objetivo não era apenas silenciar opositores, mas também a tentativa de reescrever a memória coletiva catalã, promovendo uma “narrativa oficial” que tinha como objetivo apagar a cultura regional. Essa política de apagamento identitário foi acompanhada por um ambiente de medo e vigilância constante. A população catalã viveu sob o olhar atento do regime, o que impedia manifestações abertas de contestação. Expressões culturais, quando permitidas, eram rigidamente supervisionadas, e qualquer indício de protesto interpretado pelas autoridades podia resultar em prisão, tortura ou morte (Heine, 1992). Esse processo resultou em um trauma coletivo, no qual a identidade catalã foi forçada a sobreviver em formas discretas, transmitidas no espaço privado, em círculos familiares ou por meio de pequenas associações clandestinas (Vilar, 2005).

Já a partir da década de 1960, com o crescimento econômico espanhol e a necessidade de aproximação com organismos internacionais, o regime franquista iniciou um processo de flexibilização parcial (Tusell, 1999). Embora a estrutura política permanecesse ditatorial e centralizadora, surgiram brechas no campo cultural. O catalão continuava proibido em instituições oficiais e no sistema educacional, mas passou a ser tolerado em publicações literárias, peças teatrais e celebrações religiosas (Vilar, 2005). Editoras independentes começaram a publicar obras em catalão, enquanto movimentos estudantis retomaram o debate sobre a autonomia regional (Heine, 1992). Essa tolerância relativa, no entanto, vinha acompanhada de constante vigilância e de limites rígidos: a cultura catalã podia sobreviver, mas

apenas em uma versão “domesticada”. Apesar das restrições, essa abertura foi fundamental para a rearticulação do nacionalismo catalão. A língua recuperou parte de sua legitimidade social e voltou a circular em espaços urbanos e familiares com maior naturalidade. Além disso, a expansão de universidades e sindicatos nos anos 1960 criou novos espaços de contestação, nos quais a juventude catalã se organizava em torno da memória histórica de sua região e das promessas de democratização que se intensificaram com o enfraquecimento do regime (Heine, 1992; Vilar 2005). O catalanismo cultural tornou-se, assim, um trampolim para o catalanismo político, preparando o terreno para a redemocratização e a restauração da *Generalitat* após a morte de Franco em 1975 (Vilar, 2005). Diante disso, pode-se afirmar que a Catalunha sob o regime franquista atravessou duas fases distintas, mas complementares: primeiro, a tentativa pesada de apagamento identitário, depois, a tolerância limitada, que acabou gerando espaços de preservação e reinvenção cultural. Em ambas as fases, a resistência simbólica se mostrou crucial: seja pela manutenção da língua em círculos privados, pela transmissão de tradições familiares ou pela preservação de uma memória histórica comum, a identidade catalã sobreviveu e se fortaleceu (Heine, 1992). Esse cenário, portanto, é essencial para compreender o papel que instituições culturais e sociais como o futebol e, mais especificamente, o FC Barcelona se transformaram em pilares difusores dessa identidade. O esporte, ao mobilizar paixões coletivas e espaços sociais de massa, se tornou um dos locais privilegiados onde a resistência cultural catalã encontrou expressão mesmo em meio à repressão franquista (Ranachan, 2008).

3.1 O FC Barcelona como uma extensão do nacionalismo e resistência catalã

Como já foi abordado, durante o regime franquista, a Catalunha sofreu uma repressão política e cultural intensa, com o objetivo de apagar qualquer manifestação de identidade regional. Nesse cenário, o FC Barcelona emergiu como um dos pilares de construção identitária. Fundado em 1899 por Hans Gamper, um imigrante suíço que mais tarde mudaria seu nome de Hans para o catalão Joan, o clube rapidamente assumiu papel central como instituição representativa da Catalunha, refletindo em sua estrutura e cultura a identidade regional (Burns, 2009). Gamper idealizava o clube como espaço de integração social, capaz de reunir pessoas de diferentes origens, classes e ocupações, promovendo a coesão social e o sentimento de pertencimento coletivo. A imprensa da época, embora limitada por restrições políticas, destacou o Barcelona como referência cultural e social, reforçando sua importância na consolidação da identidade catalã (Ball, 2011). Historicamente, o clube não era apenas um time de futebol; era

também um espaço de articulação social e cultural, abrigando atividades de lazer, educação e cultura que contribuíam para o fortalecimento da consciência regional. A importância do Barcelona para a sociedade catalã ultrapassou os limites esportivos, funcionando como instituição simbólica de preservação cultural, especialmente em períodos de tensão política e social. A população catalã via o clube como um representante da própria região, cuja relevância ia muito além do futebol, servindo como elo entre tradição e identidade coletiva (Ranachan, 2008).

O Barcelona funcionava como extensão concreta do nacionalismo catalão, refletindo em suas práticas cotidianas, organização interna e nos rituais e cantos em dias de jogo dentro do Camp Nou, a identidade da região (Burns, 2009). No contexto já apresentado do franquismo, apesar da intensa pressão política e com a infiltração por parte do regime de diversos membros do governo dentro da diretoria do Barcelona, assim como aconteceu com outras equipes, o clube manteve uma relação próxima com a sociedade catalã, atuando como centro de integração e coesão social (Heine, 1992; Burns, 2009). Cada reunião do conselho, evento interno ou partida importante era uma oportunidade de reafirmar valores culturais e históricos. Torcedores, muitas vezes organizados em pequenos grupos, entoavam cânticos em catalão, exibiam bandeiras discretamente em dias de jogos e até participavam de celebrações internas de datas históricas, reforçando a identidade coletiva sem confrontar diretamente o que o regime interpretava como protesto (Heine, 1992; Burns, 2009). Esses gestos sutis, mas carregados de significado, representavam formas estratégicas de resistência cultural, capazes de manter viva a memória catalã durante décadas de repressão.

Figura 7 – Camp Nou na década de 50



Fonte: Imortais do Futebol (2025c)⁸.

Nas décadas de 50 e 60, o *Camp Nou*, estádio do Barcelona, tornou-se mais do que um estádio de futebol e passou a ser um local de resistência simbólica. Cada partida era uma oportunidade para torcedores e jogadores reafirmarem sua identidade regional. A disposição das bandeiras, a entoação de cânticos em catalão e até os momentos de silêncio estratégico durante os jogos eram formas de comunicação silenciosa entre os membros da comunidade, que além de simbolizarem orgulho e pertencimento, também era uma maneira de passarem despercebidos aos olhos do regime, principalmente os que foram inseridos na diretoria do clube, que estavam sempre presentes nesses momentos (Heine, 1992). Cada gesto da torcida era interpretado como um ato de preservação cultural, fortalecendo o sentido de coletividade e resistência dentro do espaço do estádio (Ball, 2011; Burns, 2009).

O papel do Barcelona também se estendia ao elenco principal do clube, que funcionava, de certo modo, como representante da Catalunha em campo. Em um contexto em que as expressões políticas e culturais da região eram limitadas pelo regime franquista, a equipe titular passou a ser percebida por parte da sociedade como um canal indireto de afirmação identitária. Jogadores como László Kubala, húngaro naturalizado espanhol, Ramón Villaverde, José Segarra e Luis Suárez Miramontes assumiram relevância não apenas pelo desempenho técnico, mas também pela forma como eram associados ao simbolismo do clube (Ranachan, 2008). Kubala, por exemplo, destacou-se como ídolo em um momento de reconstrução institucional

⁸ Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/camp-nou-templo-do-futebol-arte/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

do Barcelona, tornando-se referência esportiva e elemento de identificação coletiva para os torcedores, sendo guardado na galeria de ídolos até os dias de hoje. Luis Suárez Miramontes, vencedor da Bola de Ouro em 1960, que até Rodri vencer em 2024, era o único espanhol vencedor do prêmio individual, projetou internacionalmente o prestígio do clube e contribuía para consolidar a ideia de que o Barcelona poderia rivalizar em termos esportivos com o Real Madrid, frequentemente associado ao poder central. A atuação desses jogadores em conquistas, gestos de liderança ou comemorações eram muitas vezes associadas, pela torcida catalã, como manifestações de orgulho regional (Figols, 2013). Nesse sentido, mesmo sem declarações explícitas, o desempenho em campo era lido como forma de resistência simbólica frente ao contexto repressivo. Cada vitória em competições relevantes, especialmente contra rivais de Madrid, assumia um significado político-cultural ao reforçar a continuidade de uma identidade catalã que, embora restrita no espaço público, encontrava no futebol um meio de expressão. Dessa forma, o Barcelona consolidava-se como um espaço de representação indireta da Catalunha, em que os jogadores desempenhavam papel central na mediação entre esporte e identidade coletiva (Burns, 2009; Figols, 2013).

Figura 8 – Luis Suárez Miramontes e Kubala na década de 60 (colorido artificialmente)



Fonte: Lopez (2023)⁹

Também é importante destacar a chegada do holandês Johan Cruyff do tradicional clube holandês, Ajax, ao FC Barcelona, em 1973, durante os anos finais da ditadura, que é

⁹ Disponível em: https://cronicaglobal.elespanol.com/culemania/culemaniacos/20230710/luis-suarez-hombre-sombra-kubala-dinero-barca/777672265_0.html. Acesso em: 30 jul. 2025.

compreendida por vários autores como um ponto de virada de chave na identidade moderna do clube. A contratação de Cruyff foi tanto um gesto esportivo quanto político: ao recusar o Real Madrid, maior rival do Barcelona, e optar pelo Barça, o jogador holandês posicionou-se de forma simbólica ao lado da causa catalã (Ball, 2011). Além de se posicionar dessa maneira, Cruyff se mostrou simpatizante da causa catalã de outras maneiras, como na decisão de batizar seu filho com o nome de Jordi, em homenagem ao santo padroeiro da Catalunha e da cidade de Barcelona, cujo nome era proibido oficialmente pelo regime franquista, foi um ato de desafio direto às normas do regime (Hughson; Inglis; Free, 2016), Cruyff demonstrou sensibilidade ao contexto social e político do clube que representava, adotando valores e símbolos da Catalunha como seus, dessa forma, plantando sementes de um futuro ícone do clube. No campo esportivo, Cruyff implantou uma revolução tática e filosófica. Seu “futebol total”, influenciado pela escola holandesa, enfatizava o jogo coletivo, a movimentação inteligente e a descentralização das ações com a bola, facilitando as associações entre os atletas para manter a posse de bola e seguir no campo ofensivo na maior parte do tempo, em notório contraste com o verticalismo e autoritarismo do regime franquista.

Como técnico nos anos 1990, Cruyff foi responsável pela fundação do modelo de jogo que viria a ser reconhecido como o DNA do clube. O “cruyffismo”, como era chamado esse estilo de jogo, tornou-se um sistema de valores tanto táticos quanto culturais, transmitido às gerações seguintes por meio da *La Masia* (futebol de base do Barcelona) (Burns, 2009), além de também como técnico, conquistar a primeira Liga dos Campeões da Europa do clube, em 1992. Cruyff, portanto, foi mais do que um treinador: ele se converteu num intelectual do futebol, cuja visão de jogo dialogava com seus posicionamentos fora de campo, tornando-o eterno ídolo do clube (Ranachan, 2008; Burns, 2009).

Figura 9 – Johan Cruyff com a faixa de capitão nas cores da bandeira da Catalunha



Fonte: BBC (2017)¹⁰.

Figura 10 – Johan Cruyff com a taça da Liga dos Campeões da Europa de 1992



Fonte: @99sfootball (2025)¹¹

¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/39391826>. Acesso em: 30 jul. 2025.

¹¹ Disponível em: <https://x.com/90sfootball/status/1911872084063691133>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 11 – Romário e Cruyff, já como técnico, na década de 90



Fonte: KodroMagazine (2025)¹².

Figura 12 – Torcedor do Barcelona prestando homenagem em celebração à memória de Cruyff em 2016



Fonte: Belfast Telegraph (2016)¹³.

Outro elemento importante para essa construção simbólica foi a interação com a imprensa e a sociedade civil, que funcionava como um meio de referências culturais em um

¹²Disponível em: <https://www.kodromagazine.com/cruyff-y-romario-una-historia-digna-del-dream-team/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

¹³ Disponível em: <https://www.belfasttelegraph.co.uk/news/world-news/barcelona-holds-last-day-of-memorial-tribute-to-johan-cruyff/34581757.html>. Acesso em: 30 jul. 2025.

contexto de forte vigilância estatal. Mesmo com a censura, jornais esportivos e publicações vinculadas ao clube conseguiam destacar, ainda que de forma limitada, vitórias e conquistas que eram interpretadas pela população como uma espécie de expressão de “continuidade cultural” (Ball, 2011). Perfis de jogadores e reportagens sobre partidas extrapolavam o aspecto esportivo e assumiram, para parte do público, um significado adicional ao reafirmar a ideia de que a Catalunha mantinha formas de representação, mesmo em meio à repressão franquista (Rigo; Torrano, 2013). Nesse sentido, a imprensa desempenhou um papel indireto na consolidação do Barcelona como um espaço de ressonância simbólica da identidade catalã. A resiliência institucional do clube também teve relevância nesse processo, já que mesmo apesar das pressões políticas, como a imposição de dirigentes próximos ao regime e tentativas de controle sobre suas atividades, o Barcelona conseguiu preservar certas práticas e tradições ligadas ao seu passado. Eventos comemorativos, celebrações internas e referências históricas, embora adaptados às restrições da época, contribuíram para que o clube mantivesse vínculos com a memória coletiva catalã (Ranachan, 2008). Entretanto, é importante ressaltar que essas iniciativas não devem ser vistas apenas como atos de resistência aberta, mas como mecanismos de preservação cultural em um espaço limitado pelas circunstâncias políticas (Figols, 2013). Assim sendo, o Barcelona acabou por desempenhar uma função de referência simbólica para a sociedade catalã, não necessariamente de forma explícita ou confrontacional, mas como instituição que, ao manter tradições e oferecer espaço de sociabilidade, ajudava a sustentar um sentimento de que essa continuidade identitária em meio ao autoritarismo era possível.

Dessa maneira, o FC Barcelona, no período franquista, assumiu uma função que ultrapassava o âmbito estritamente esportivo. Embora o clube tenha sido submetido ao controle político e institucional por parte do regime, ainda assim tornou-se um espaço onde práticas culturais e identitárias puderam ser parcialmente preservadas (Heine, 1992; Figols, 2013). Partidas relevantes, manifestações da torcida e conquistas em campo eram interpretadas por parte da sociedade catalã como formas indiretas de afirmação identitária, ainda que limitadas pelas condições repressivas da época. Os episódios vividos no *Camp Nou* ilustram como o futebol adquiriu um papel social mais amplo, funcionando como meio simbólico na qual a coletividade catalã encontrava meios de expressar continuidade cultural. Nesse processo, o clube não deve ser entendido apenas como ator de resistência, mas como instituição que, dentro de um quadro de restrições, contribuiu consideravelmente para essa continuidade (Ranachan, 2008; Burns, 2009; Ball, 2011).

3.2 Rivalidade Barcelona x Real Madrid: El Clásico dentro e fora de campo

Durante o período franquista, o futebol espanhol refletiu muitas vezes as tensões sociais, políticas e culturais do país, e a rivalidade entre FC Barcelona e Real Madrid, conhecida como El Clásico, ultrapassou o aspecto esportivo para assumir significados simbólicos. Para parte da sociedade catalã, os confrontos com o clube da capital eram interpretados como ocasiões de afirmação identitária em meio às restrições políticas e culturais (Calleja, 2010; Ball, 2011). Já o Real Madrid, mesmo não sendo formalmente um instrumento do regime, beneficiou-se da centralidade de Madrid e das estruturas institucionais do regime, o que contribuiu para a associação entre o clube e o franquismo (Vakulenko, 2013).

Um ponto que incendiou ainda mais essa rivalidade foi a disputa em torno da transferência de Alfredo Di Stéfano, craque argentino, que é frequentemente citada como exemplo da interseção entre poder político e futebol no contexto franquista. Inicialmente negociado ao FC Barcelona, no fim das contas, o jogador acabou sendo registrado no Real Madrid após meses de negociações complexas, atravessadas por disputas contratuais, já que o Real Madrid negociou com o Millonarios da Colômbia, clube que o jogador atuava, mas sem autorização legal e o Barcelona negociou com o River Plate da Argentina, clube que possuía os direitos do atleta, além da mediação direta da Real Federação Espanhola de Futebol, que entrevistou e sugeriu que o jogador atuasse um ano no Barcelona e um ano no Real Madrid, proposta recusada pelo clube catalão, que se sentiu prejudicado (Vakulenko, 2013; Calleja, 2010). O processo foi marcado por ambiguidades jurídicas e decisões pouco transparentes, o que alimentou a percepção de que as instituições espanholas atuavam de forma a favorecer os interesses do centro político (Madri) em detrimento de outras regiões. Ainda que não haja provas documentais de uma intervenção direta do governo Franco, a condução do caso e principalmente a intervenção da Real Federação Espanhola refletiram para o público uma lógica de centralização que permeava o regime (Ball, 2011; Vakulenko, 2013). A indefinição inicial, seguida da resolução favorável ao Real Madrid, reforçou a imagem de que a estrutura esportiva nacional estava alinhada com a capital, ecoando a hierarquia política e cultural imposta em outras esferas da sociedade (Calleja, 2010). Para o Real Madrid, a chegada de Di Stéfano foi um divisor de águas: inaugurou um ciclo de supremacia esportiva que culminaria em 5 títulos consecutivos da Copa dos Campeões da Europa (atual Liga dos Campeões da Europa), projetando o clube como referência internacional do futebol (Ball, 2011). No entanto, essa ascensão não pode ser dissociada do contexto político que, mesmo de forma indireta, criava condições favoráveis para que o clube da capital se consolidasse como símbolo de prestígio e

modernidade espanhola, refletindo um possível sucesso do regime (Figols, 2013). Já para amplos setores da sociedade catalã, o episódio assumiu contornos de frustração coletiva. Mais do que a perda de um jogador decisivo, significou a confirmação de um desequilíbrio estrutural que transcendia o campo esportivo, ilustrando a dificuldade de competir em igualdade de condições em um país onde as instituições, formalmente neutras, operavam sob uma lógica de centralização (Burns, 2009). Assim, a “questão Di Stéfano” tornou-se parte da memória política do El Clásico, cristalizando a rivalidade entre Barcelona e Real Madrid como metáfora das tensões entre Catalunha e Madri na Espanha franquista.

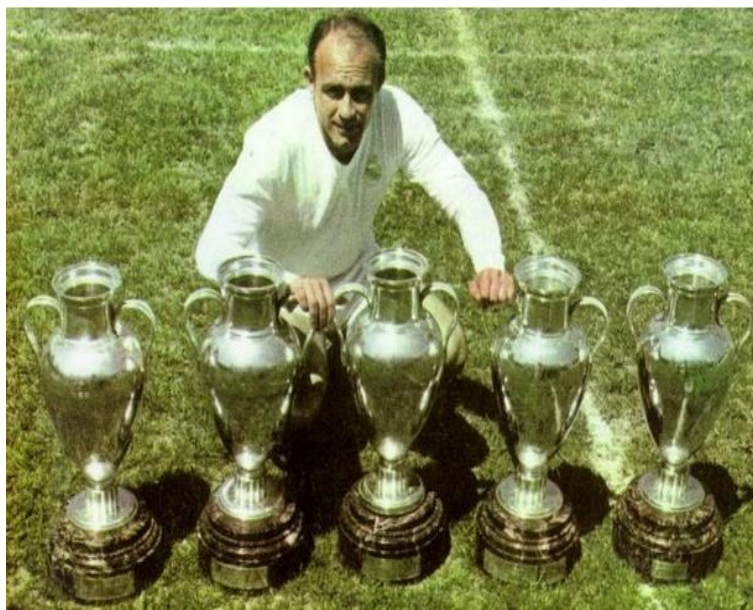
Figura 13 – Kubala e Di Stéfano antes do desfecho da transferência do argentino



Fonte: Imortais do Futebol (2025d)¹⁴

¹⁴ Disponível em: <https://imortaisdofutebol.com/esquadrao-imortal-barcelona-1950-1961/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 14 – Alfredo Di Stéfano posando com as 5 taças da Copa dos Campeões



Fonte: Silva (2011)¹⁵.

Nos estádios, os *Clásicos* tornaram-se ocasiões em que a torcida do Barcelona encontrava margens de manobra para expressar símbolos identitários, mesmo diante de uma vigilância constante. Bandeiras catalãs eram frequentemente escondidas entre casacos e exibidas apenas em momentos estratégicos, cânticos em catalão surgiam de forma coordenada e silenciosa, e as cores do clube eram usadas como referência simbólica à região (Calleja, 2010).

Além disso, torcedores organizavam pequenas coreografias, que incluíam saudações a figuras históricas catalãs, transformando o estádio em um espaço de resistência simbólica que transcendia o resultado esportivo (Ball, 2011). Ao mesmo tempo, o Real Madrid passou a ser percebido como a vitrine esportiva da Espanha franquista. Essa projeção não refletia necessariamente uma identidade política assumida pelo clube, mas uma visão gerada pela repercussão de suas conquistas pelo regime, que utilizava os títulos como instrumento de legitimação e de propaganda internacional (Goig, 2006). A visibilidade adquirida pelo Real Madrid foi reforçada pela centralização institucional e pelo acesso a recursos que nem sempre estavam disponíveis a clubes fora da capital, como o Barcelona, criando uma assimetria de oportunidades que ultrapassava o plano esportivo (Calleja, 2010). Essa diferença de papéis consolidou a oposição simbólica entre os dois clubes. O Barcelona manteve sua associação à preservação de uma identidade regional reprimida, servindo como espaço de expressão cultural limitada, mas significativa. O Real Madrid, por outro lado, ganhou projeção internacional em

¹⁵ Disponível em: https://www.campeoesdofutebol.com.br/di_stefano.html. Acesso em: 30 jul. 2025.

um contexto que favorecia sua visibilidade e sucesso, independentemente de mérito esportivo (Calleja, 2010). Essa combinação de resistência cultural por parte da torcida catalã e a apropriação simbólica das vitórias madrilenhas pelo regime contribuiu para que o *El Clásico* se tornasse mais do que um confronto esportivo: transformou-se em um fenômeno histórico, capaz de refletir e cristalizar as tensões políticas e culturais da Espanha franquista, mas também evoluiu para se tornar o maior clássico do futebol mundial, não só pelo histórico de craques e enorme torcida dos dois lados, mas também pela existência de disputas extra campos que envolvem os clubes e contextos fora dos gramados das regiões das duas equipes até os dias atuais (Vakulenko, 2013).

Figura 15 – El Clásico disputado na década de 40



Fonte: FútbolGate (2025)¹⁶

¹⁶ Disponível em: <https://www.futbolgate.com/investigaci%C3%B3n/el-11-1-del-real-madrid-al-bar%C3%A7a-en-la-copa-de-1943-entre-verdad-leyenda-y-propaganda>. Acesso em: 30 jul. 2025.

4 O LEGADO POLÍTICO E CULTURAL DO FC BARCELONA PÓS-FRANCO

A morte de Francisco Franco em 1975 marcou o início de um período de transição democrática na Espanha, permitindo à Catalunha recuperar parte de sua autonomia política e cultural. Nesse contexto, o FC Barcelona consolidou-se como um ator relevante na projeção da identidade catalã, funcionando como espaço de expressão simbólica, preservação da memória coletiva e interlocução cultural, mesmo que de maneira indireta no campo político formal. O clube manteve-se como referência para a sociedade catalã, transformando o futebol em veículo de expressão cultural e social, articulando tradição, símbolos e práticas coletivas em novos formatos compatíveis com o regime democrático emergente (Ranachan, 2008; Burns, 2009). O período pós-Franco possibilitou ao Barcelona expandir seu papel simbólico. O lema “*Més que un club*”, antes ligado a uma resistência velada, passou a ser explicitamente associado à cultura e à identidade catalã, sendo o primeiro contato de muitas pessoas ao redor do mundo que viessem a se tornar torcedores do Barcelona, com o idioma catalão. O Camp Nou tornou-se um espaço no qual os torcedores podiam expressar sua identidade regional de maneira visível, sem que isso representasse necessariamente uma ruptura institucional com a Real Federação Espanhola de Futebol ou com o governo central. Bandeiras da Catalunha, mosaicos, cânticos em catalão e faixas de protesto foram incorporados à experiência do jogo por parte da torcida, refletindo tanto a herança histórica quanto às novas oportunidades de expressão em um contexto democrático (Burns, 2009; Ball, 2011).

A presença da *senyera*, bandeira tradicional da Catalunha, foi central nesse processo. Nas arquibancadas do Camp Nou, mosaicos gigantes eram montados em dias de clássico ou partidas importantes, reforçando a identidade catalã e criando imagens de forte impacto visual que podiam ser transmitidas à mídia nacional e internacional (Figols, 2016). Além disso, o clube passou a desenvolver uniformes alternativos inspirados nas cores da *senyera*, utilizados em partidas estratégicas, como confrontos contra o Real Madrid, funcionando como uma afirmação simbólica de identidade que ia além da torcida e chegava aos próprios jogadores em campo. Esses uniformes, muitas vezes acompanhados de ações de comunicação e marketing, transformaram-se em instrumentos visíveis de preservação cultural, transmitindo os valores regionais de maneira sutil, mas constante (Figols, 2016). Também é importante ressaltar que apesar do clube se declarar como catalão e permitir, além da bandeira tradicional catalã, a bandeira catalã separatista, o clube não se identifica como separatista, mas não repreende nenhuma forma de manifestação dentro do estádio.

Figura 16 – Barcelona usando uniforme com as cores da Senyera contra o Real Madrid



Fonte: Edwards (2022)¹⁷.

Figura 17 – Camp Nou com mosaico nas cores da Senyera em jogo contra o Real Madrid



Fonte: China Daily (2012)¹⁸.

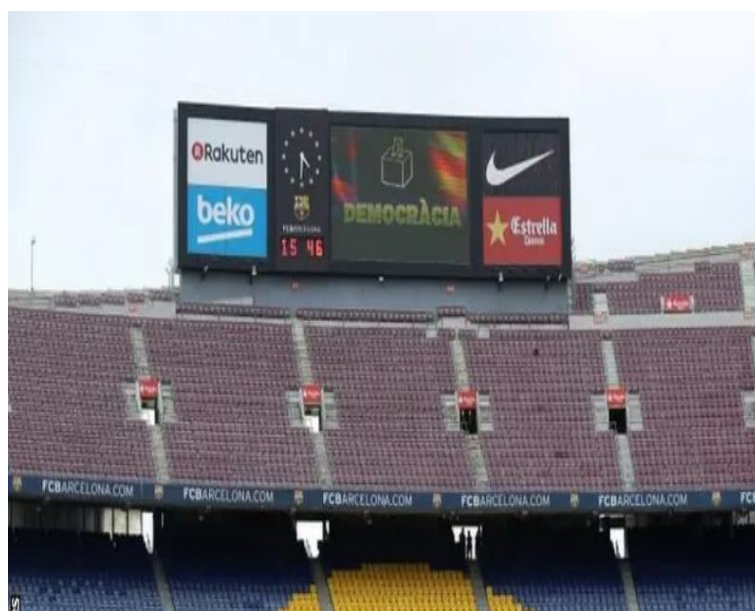
Além das arquibancadas, o clube teve papel indireto em processos de cidadania e engajamento cívico. Durante o referendo de independência da Catalunha de 2017, por exemplo, houve diversos casos de repressão policial na tentativa de evitar o acontecimento do referendo,

¹⁷ Disponível em: <https://www.goal.com/en-sa/news/why-are-barcelona-wearing-yellow-senyera-kit-vs-real-madrid-in-el-clasico/bltf8d900a126fc5e24>. Acesso em: 30 jul. 2025.

¹⁸ Disponível em: https://www.chinadaily.com.cn/sports/2012-10/09/content_15803458.htm. Acesso em: 30 jul. 2025.

que foi julgado como ilegal pelo Governo espanhol (West, 2017). Já o FC Barcelona, que tinha jogo marcado para o dia da votação do referendo, acabou deixando a imparcialidade um pouco de lado e adotou medidas como jogar a partida com portões fechados e comunicados oficiais em defesa dos direitos fundamentais do povo catalão, sugerindo que a vontade da maioria do povo catalão devesse ser ouvida. Nesse contexto, embora tenha mantido neutralidade formal em relação ao movimento independentista, suas ações permitiram que torcedores e sociedade encontrassem um espaço simbólico de expressão, consolidando a função do clube como plataforma de afirmação cultural (West, 2017). Após esses eventos, as arquibancadas do Camp Nou se inflamaram em protestos veementes nos próximos jogos do clube.

Figura 18 – O FC Barcelona coloca uma mensagem de apoio ao resultado das urnas do referendo de 2017



Fonte: BBC (2017)¹⁹.

¹⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/41459838>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 19 – Os jogadores do FC Barcelona durante a foto oficial da partida usando o uniforme de treino com as cores da bandeira catalã em protesto à violência policial durante o referendo de 2017



Fonte: BBC (2017)²⁰.

Figura 20 – Manifestação pela independência da Catalunha e liberdade de presos políticos durante El Clássico nas arquibancadas do Camp Nou na temporada 2017/18



Fonte: Sport Informa (2019)²¹.

²⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/41459838>. Acesso em: 30 jul. 2025.

²¹ Disponível em: <https://sportinforma.sapo.pt/futebol/copa-del-rey/artigos/hoje-e-dia-de-el-classico-messi-vai-tentar-algo-que-nunca-conseguiu-frente-ao-real-madrid>. Acesso em: 30 jul. 2025.

4.1 A globalização do FC Barcelona e projeção internacional da identidade catalã

A consolidação democrática na Espanha e o fortalecimento da identidade catalã possibilitaram ao FC Barcelona ampliar sua influência além das fronteiras regionais. Ao longo das últimas décadas do século XX e início do século XXI, o clube passou a atuar não apenas como símbolo de uma cultura regional, mas como um emblema internacional, exportando sua filosofia, valores e identidade cultural para torcedores ao redor do mundo (Burns, 2009). Um dos elementos centrais dessa internacionalização foi a projeção esportiva. A contratação de jogadores de renome mundial, principalmente de brasileiros como Romário, Rivaldo, Ronaldo e principalmente Ronaldinho Gaúcho, que trouxe uma enorme visibilidade ao clube, ajudando a colocar de volta nas grandes competições e conquistando o prêmio de melhor do mundo em 2005 e a Liga dos Campeões da Europa de 2006. Esse sucesso em competições e o futebol chamativo transformaram o clube em referência global. Cada conquista no campo permitia que a marca Barcelona ultrapassasse o espaço nacional, tornando-se veículo de visibilidade para a cultura catalã. Torcedores internacionais passaram a associar o clube a valores como coletividade, criatividade e identidade regional, estabelecendo uma ligação simbólica entre futebol e cultura (Ranachan, 2008).

Figura 21 – Ronaldinho Gaúcho apresentando sua bola de ouro ao Camp Nou em 2005



Fonte: Cais da Memória (2018)²².

²² Disponível em: <https://caisdamemoria.wordpress.com/2018/01/05/ronaldinho-gauchos-recebe-a-bola-de-ouro-futebol/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 22 – O capitão Puyol levantando a taça da Liga dos Campeões de 2006 ao lado de Ronaldinho



Fonte: Sampaio (2017)²³.

No plano comunicacional, o FC Barcelona desenvolveu estratégias de marketing e mídia globais. A presença constante em transmissões internacionais, redes sociais e plataformas digitais ampliou a audiência do clube, permitindo que símbolos catalães como a senyera, o lema *Més que un club*, o hino do clube e os cânticos em catalão se tornassem reconhecíveis em escala global. O clube também promoveu ações de internacionalização da sua filosofia de formação de jogadores, por meio da La Masia, que se tornou modelo de excelência esportiva e pedagógica, exportando métodos de treinamento e valores de cooperação e identidade coletiva para clubes e academias ao redor do mundo. Além da presença midiática, o Barcelona recebeu a demanda de realizar turnês internacionais, participando de amistosos e torneios de pré-temporada em diferentes continentes. Durante visitas à América do Norte, Ásia, África e Oriente Médio, o clube não apenas jogou partidas esportivas, mas também realizou atividades culturais e promocionais que reforçavam a identidade catalã. Nessas ocasiões, a senyera foi exibida em mosaicos, banners e eventos institucionais, enquanto o lema *Més que un club* serviu como slogan de comunicação cultural, conectando torcedores internacionais à história e aos símbolos da Catalunha. Esses eventos transformaram a presença do Barcelona em experiências integradas de esporte e cultura, mostrando que o clube podia funcionar como uma “embaixada simbólica” da Catalunha em diferentes contextos globais (Ranachan, 2008).

²³ Disponível em: <https://pt.besoccer.com/noticia/aqui-esta-o-unico-jogador-que-ganhou-os-seis-trofeus-mais-importantes-do-mundo-265870>. Acesso em: 30 jul. 2025.

Figura 23 – Banner de propaganda de turnê de pré-temporada do Barcelona nos EUA com Neymar, Messi e Suárez em 2017



Fonte: FC Barcelona (2017)²⁴.

Figura 24 – Ansu Fati assinando camisa de fãs em Sidney, Austrália em 2021



Fonte: FC Barcelona (2022)²⁵.

²⁴ Disponível em: <https://www.fcbarcelona.com/en/news/775254/fc-barcelona-to-make-2017-preseason-tour-to-the-usa>. Acesso em: 30 jul. 2025.

²⁵ Disponível em: <https://www.fcbarcelona.es/es/noticias/2633388/asi-ha-sido-el-viaje-a-sydney>. Acesso em: 30 jul. 2025.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o FC Barcelona como símbolo de resistência cultural e política durante a ditadura de Francisco Franco (1939–1975), ressaltando o papel do clube como representante da identidade catalã em um contexto de repressão autoritária. A pesquisa foi desenvolvida de forma cronológica e estruturada de maneira que fosse possível, inicialmente, destacar a relevância do futebol como um fenômeno social e político, capaz de construir identidades, promover uma sensação de pertencimento e, em determinados contextos, servir como ferramenta tanto de dominação quanto de resistência. Em seguida, foram apresentados exemplos históricos de regimes autoritários que utilizaram o esporte como instrumento de propaganda, evidenciando sua dimensão política para além do entretenimento.

Posteriormente, a análise voltou-se para a Catalunha e a repressão sofrida durante o regime franquista, marcada pela proibição da língua, símbolos e manifestações culturais locais. Nesse contexto, o FC Barcelona consolidou-se como um dos principais espaços de resistência simbólica, permitindo que a identidade catalã permanecesse viva, ainda que de maneira indireta e velada. O estádio transformou-se em local de afirmação cultural e de contestação ao poder central, revelando como o futebol pôde assumir papel político em meio a uma ditadura. Também foi importante ressaltar figuras marcantes da história do clube, como Ladislao Kubala, Luis Suárez Miramontes e Johan Cruyff, que contribuíram não apenas para o desempenho esportivo, mas também para a consolidação da imagem do Barcelona como representante de uma causa maior que o futebol, sendo por ações realizadas dentro e fora das quatro linhas. Ademais, foi exposta a rivalidade entre o Barcelona e o Real Madrid e como ela é discutida como um reflexo das tensões políticas entre Catalunha e o governo central na época do regime franquista, mas também como esse fenômeno acabou transformando o “El Clásico” em evento carregado de significados que ultrapassam as quatro linhas até os dias de hoje.

Dessa forma, o presente trabalho demonstrou que o lema “Més que un club” deve ser compreendido não apenas como um recurso de marketing, mas como resultado de um processo histórico específico, no qual o FC Barcelona passou a ser associado à resistência cultural e política da Catalunha durante o regime franquista e perdurou até o período democrático atual. A análise evidencia que, diante da repressão e da tentativa de homogeneização cultural promovida pelo Estado espanhol, o clube assumiu um papel simbólico de relevância, permitindo a preservação e a manifestação, ainda que de forma velada, de valores, tradições e sentimentos de pertencimento coletivo, e dessa forma, o Barcelona consolidou-se como um

espaço de representação indireta, em que a prática esportiva transcendeu o aspecto esportivo e passou a ser utilizado como um símbolo identitário de pertencimento e preservação.

Diante disso, o presente trabalho buscou evidenciar que o futebol, enquanto fenômeno social, constitui um campo privilegiado para a análise das relações entre poder, cultura e identidade presentes na sociedade. O caso do FC Barcelona ilustra como o esporte pode ser mobilizado em contextos de autoritarismo, funcionando simultaneamente como mecanismo de integração simbólica e como veículo de resistência coletiva. Além disso, a pesquisa reforça a ideia de que clubes e torcidas não operam em uma dimensão neutra, mas participam ativamente da produção e da distribuição de narrativas sociais e políticas, o que permite compreender o estádio de futebol como um espaço de disputa não só esportiva, mas também cultural e política. Nesse sentido, a análise desenvolvida não apenas reforça a relevância do futebol enquanto objeto de estudo acadêmico nas ciências sociais, mas também evidencia sua capacidade de revelar dinâmicas complexas de resistência, pertencimento e poder em diferentes contextos históricos e culturais.

REFERÊNCIAS

- ALABARCES, Pablo. **Fútbol y patria**: El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2002.
- ALEGI, Peter. **African Soccerscapes**: How a Continent Changed the World's Game. Athens: Ohio University Press, 2010.
- ANDERSON, Benedict. **Imagined Communities**: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism. London: Verso, 1983.
- ARCHETTI, Eduardo P. **Masculinidades**: futebol, tango e polo na Argentina. São Paulo: Editora Unesp, 2003.
- BALL, Phil. **Morbo**: The Story of Spanish Football. London: WSC Books, 2011.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. **Pratiques sportives et pratiques sociales**. Social Science Information 6, 819-840, 1978.
- BURNS, Jimmy. **Barça**: A People's Passion. Londres: Bloomsbury, 2009.
- CALLEJA, Eduardo González. **El Real Madrid, ¿"Equipo del Régimen"? Fútbol y política durante el Franquismo**. Esporte e Sociedade. Niterói, n. 14, 2010.
- DARBY, Paul. **Africa, Football and FIFA**: Politics, Colonialism and Resistance. London: Frank Cass, 2002.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DE GRAND, Alexander. **Italian Fascism**: Its Origins and Development. University of Nebraska Press, 2001.
- DORSEY, James. **The Turbulent World of Middle East Soccer**. Oxford: Oxford University Press, 2016.
- FIGOLS, Victor de Leonardo. **Barça, més que un club**: o FC Barcelona durante o franquismo (1968-1969). Universidade de São Paulo: Guarulhos, 2013.
- FIGOLS, Victor de Leonardo. **FC Barcelona**: Entre o Global e o Regional (1988-1999). Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de São Paulo. Guarulhos, 2016
- FINESTRES, Jordi. **Sunyol, Barça, esporte e cidadania**. Ludopédio, São Paulo, v. 141, n. 60, 2021.

- FOOT, John. **Calcio: A History of Italian Football**. London: HarperSport, 2006.
- GALEANO, Eduardo. **Futebol: ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- GIULIANOTTI, Richard; ROBERTSON, Roland. **Globalization & Football**. Londres: SAGE Publications, 2009.
- GRAMSCI, Antonio. **Selections from the Prison Notebooks**. London: Lawrence and Wishart, 1971.
- GOIG, Ramón Llopis. Clubes y selecciones nacionales de fútbol: La dimensión etnoterritorial del fútbol español. **Revista Internacional de Sociología**. Universidad de Valencia, v. 64, n. 45, p. 37-66, 2006.
- GUTTMANN, Allen. **The Olympics: A History of the Modern Games**. Urbana: University of Illinois Press, 1992.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARGREAVES, John. **Sport, Power and Culture: A Social and Historical Analysis of Popular Sports in Britain**. Cambridge: Polity Press, 1986.
- HARGREAVES, John; HARGREAVES, Jennifer (Orgs.). **Sport, Culture and Ideology**. London: Routledge, 1982.
- HEINE, Hartmut. **La oposición política al franquismo, 1939-1952**. Barcelona: Crítica, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780: Programa, mito e realidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- HUGHSON, John; INGLIS, David; FREE, Marcus. **The Uses of Sport: A Critical Study**. Routledge, 2016.
- LEVER, Janet. **Soccer Madness: Brazil's Passion for the World's Most Popular Sport**. Chicago: University of Chicago Press, 1983.
- LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. Routledge, 2004.
- RANACHAN, Emma Kate. **Cheering for Barça: FC Barcelona and the shaping of Catalan identity**. Dissertação de Mestrado - McGill University, Quebec, 2008.
- RIGO, Luiz Carlos; TORRANO, Conrad Vilanou. **Identidades dos clubes de futebol: singularidades do FC Barcelona**. Movimento, v. 19, n. 03, p. 191-210, 2013.
- RODRIGUES, Nelson. **À Sombra das Chuteiras Imortais**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1993.
- SAID, Edward. **Orientalism**. New York: Pantheon Books, 1978.

SALDANHA, Renato; CARVALHO, Veronica. Futebol e identidade na Argélia: a história da seleção da Frente de Libertação Nacional (1958-1962). **FuLiA/UFMG**, Belo Horizonte/MG, Brasil, v. 6, n. 2, p. 141–153, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/25762>. Acesso em: 08 ago. 2025.

TUSELL, Javier. **Historia de España en el siglo XX**: La crisis de los años treinta: República y Guerra Civil. Madrid: Taurus, 1999.

OLIVEIRA, Jonathan Rocha de; CAPRARO, André Mendes. Independência catalã, identidade e globalização no Fútbol Club Barcelona. **Rev. Motriviv.**, Florianópolis, v. 32, n. 61, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-80422020000100110&lng=pt&nrm=iso. acessos em 12 ago. 2025.

VILAR, Pierre. **Uma Breve História da Catalunha**. São Paulo: EDIPRO, 2005.

VAKULENKO, Darya. **Franco years in Spain through "El Clásico"**: FC Barcelona vs. Real Madrid. Diplomová práce, vedoucí Mlejnek, Josef. Praha: Univerzita Karlova, Fakulta sociálních věd, Katedra politologie, 2013.

WENDT, Alexander. **Social Theory of International Politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

WEST, Andy. **Catalan referendum**: How FC Barcelona found themselves at centre of issue. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/sport/football/41461197>. Acesso em: 20 ago. 2025.